



XII Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"



20 a 22 de Setembro de 2018 São Cristóvão/SE/Brasil

ISSN: 1982-3657 | PREFIXO DOI 10.29380

Recebido em: **12/08/2018**

Aprovado em: **14/08/2018**

Editor Respo.: **Veleida Anahi - Bernard Charlort**

Método de Avaliação: **Double Blind Review**

Doi: <http://dx.doi.org/10.29380/2018.12.11.31>

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM UMA TURMA DE 2º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL

EIXO: 11. EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS

MARTA, JOSÉ ADAILTON CORTEZ FREIRE

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo analisar a prática docente para alfabetizar alunos do 2º ano do Ensino Fundamental. Para ser realizado adotamos a pesquisa qualitativa através da abordagem do estudo de caso. Para tanto, utilizamos como instrumento de investigação a entrevista semiestruturada e observação como participante de aulas de Língua Portuguesa. Do ponto de vista teórico, foram utilizados os estudos desenvolvidos por Ferreiro (2008, 2011); Cagliari (1998, 2009); Cantalice (1995), Mortatti (2006), Soares (2006) entre outros. Assim, podemos concluir através das observações das aulas e entrevista que a professora ainda se utiliza dos métodos de alfabetização em suas aulas além de mesclar suas práticas através das orientações do Programa de Alfabetização na Idade Certa-PNAIC.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Aprendizagem. Métodos. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

The present work has as objective to analyze the teaching practice to alphabetize students of the 2nd year of Elementary School. To be carried out we adopted qualitative research through the case study approach. To do so, we use as a research instrument the semi-structured interview and observation as a participant in Portuguese Language classes. From the theoretical point of view, the studies developed by Ferreiro (2008, 2011) were used; Cagliari (1998, 2009); Cantalice (1995), Mortatti (2006), Soares (2006) among others. Thus, we can conclude from the classroom observations and interview that the teacher still uses the methods of literacy in her classes and also merge their practices through the guidance of the Literacy Program in the Right Age-PNAIC. **KEY WORDS:** Literacy. Learning. Methods. Pedagogical practices.

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO EM UMA TURMA DE 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL****THE PEDAGOGICAL PRACTICES IN THE LITERACY PROCESS IN A SECOND YEAR OF FUNDAMENTAL TEACHING****LAS PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS EN EL PROCESO DE ALFABETIZACIÓN EN UNA TURMA DE 2º AÑO DE LA ENSEÑANZA FUNDAMENTAL**

Eixo Temático: 11. Educação, Sociedade e Práticas Educativas.

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo analisar a prática docente para alfabetizar alunos do 2º ano do Ensino Fundamental. Para ser realizado adotamos a pesquisa qualitativa através da abordagem do estudo de caso. Para tanto, utilizamos como instrumento de investigação a entrevista semiestruturada e observação como participante de aulas de Língua Portuguesa. Do ponto de vista teórico, foram utilizados os estudos desenvolvidos por Ferreiro (2008, 2011); Cagliari (1998, 2009); Cantalice (1995), Mortatti (2006), Soares (2006) entre outros. Assim, podemos concluir através das observações das aulas e entrevista que a professora ainda se utiliza dos métodos de alfabetização em suas aulas além de mesclar suas práticas através das orientações do Programa de Alfabetização na Idade Certa-PNAIC.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Aprendizagem. Métodos. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

The present work has as objective to analyze the teaching practice to alphabetize students of the 2nd year of Elementary School. To be carried out we adopted qualitative research through the case study approach. To do so, we use as a research instrument the semi-structured interview and observation as a participant in Portuguese Language classes. From the theoretical point of view, the studies developed by Ferreiro (2008, 2011) were used; Cagliari (1998, 2009); Cantalice (1995), Mortatti (2006), Soares (2006) among others. Thus, we can conclude from the classroom observations and interview that the teacher still uses the methods of literacy in her classes and also merge their practices through the guidance of the Literacy Program in the Right Age-PNAIC. **KEY WORDS:** Literacy. Learning. Methods. Pedagogical practices.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo analizar la práctica docente para alfabetizar alumnos del 2º año de la Enseñanza Fundamental. Para ser realizado adoptamos la investigación cualitativa a través del abordaje del estudio de caso. Por lo tanto, se utiliza como una herramienta de investigación para entrevistas y observación semi-estructurados como un participante en clases de portugués. Desde el punto de vista teórico, se utilizaron los estudios desarrollados por Ferreiro (2008, 2011); Cagliari (1998, 2009); Cantalice (1995), Mortatti (2006), Soares (2006) y otros. Así, podemos concluir a través de las observaciones de las clases y entrevista que la profesora todavía se utiliza de los métodos de alfabetización en sus aulas además de mezclar sus prácticas a través de las orientaciones del Programa de Alfabetización en la Edad Certa-PNAIC.

PALABRAS-CLAVE: Alfabetización. Aprendizaje. Métodos. Prácticas pedagógicas.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas de alfabetização de uma professora de segundo 2º ano do Ensino Fundamental, considerando a compreensão docente sobre alfabetização e a metodologia usada em sala de aula para o aprendizado da leitura e escrita.

As práticas de alfabetização tem sido um tema cada vez mais discutido por tratar-se de algo que faz parte do dia a dia dos profissionais envolvidos na educação. Por isso, surgiu o interesse em se investigar o processo de alfabetização, visto que é por meio dele que os alunos podem e tornam-se capazes de ler, entender e compreender diferentes textos além de poder se expressar através da escrita.

Para o desenvolvimento desse trabalho nos baseamos nos estudos que discutem o processo de alfabetização, como os autores Ferreiro (2008, 2011); Cagliari (1998, 2009); Cantalice (1995), Mortatti (2006), Soares (2003, 2006), entre outros. Buscando assim, compreender quais os caminhos existentes na prática docente para que o processo de alfabetização dos alunos nessa fase inicial se torne algo sistemático como também prazeroso, tentando levar em conta as vivências e conhecimentos das crianças.

A fim de alcançar os objetivos deste trabalho adotamos como princípios metodológicos a pesquisa qualitativa, pois se trata de uma pesquisa descritiva e exploratória, onde serão realizadas observações das práticas pedagógicas, registradas em diário de campo assim como entrevista semiestruturada com a professora da turma. A entrevista foi realizada por meio de questionário no qual definida por Marconi e Lakatos (1999, p.100) como uma técnica de pesquisa elaborada com uma série de questões, que devem ser respondidas por escrito sem a presença do pesquisador. Em seguida foram feitas observações das aulas de língua portuguesa com o intuito de identificar as

práticas pedagógicas utilizadas pela professora durante o processo de alfabetização.

Consideramos nossa investigação através da abordagem do estudo de caso que faz parte do método qualitativo, onde geralmente refere-se em uma maneira de aprofundar uma unidade individual. Essa abordagem convém principalmente para responder questionamentos no qual o pesquisador não tem muito domínio sobre o fenômeno observado.

Assim, através da entrevista e da observação das aulas, foi possível analisar se a professora utilizou algum método para alfabetizar seus alunos, e de que maneira ela desenvolveu esse método durante suas aulas, obtendo assim, que concepção de alfabetização baseia-se o trabalho dessa professora.

Vale ressaltar que o processo de alfabetização é algo fundamental na vida do aluno, e que para alfabetizar os professores utilizam conscientes ou não de uma teoria e metodologias que darão possibilidades para essa prática em sala de aula.

Com o passar dos anos o conceito acerca da alfabetização vem se modificando, onde novas concepções surgem ao longo da história buscando atender as necessidades dos alunos. Através dessas modificações, as práticas pedagógicas também necessitam de mudanças, portanto o alfabetizador precisa ter conhecimento teórico, que possibilitem melhor atender às necessidades de aprendizagem dos alunos.

2 PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO

Nos dias atuais, a demanda de aprendizado da leitura e o domínio da escrita são cada vez mais exigidos em nossa sociedade. Para a leitura é importante que tenhamos acesso às informações, para que isso ocorra é necessário que a alfabetização seja desenvolvida como um conjunto de fatores que os alunos desenvolvem para lidar com os desafios durante a aquisição da escrita.

Por alfabetização de acordo com Soares (2004), entende-se a “excessiva especificidade” a autonomização das relações entre o sistema fonológico e o sistema gráfico em relação às demais aprendizagens e comportamentos na área da leitura e da escrita, ou seja, a exclusividade atribuída a apenas uma das facetas da aprendizagem da língua escrita. O que parece ter acontecido, ao longo das duas últimas décadas, é que, em lugar de se fugir a essa “excessiva especificidade”, apagou-se a necessária especificidade do processo de alfabetização.

Compreendendo o processo de alfabetização, percebemos que foi através da invenção da escrita que o homem compreendeu a necessidade de ter um meio de comunicação entre eles. Com essa necessidade veio também à preocupação de como decifrar e entender o código do sistema de escrita. Assim, verificamos que quando surgiu a escrita, fez-se necessário a alfabetização, visto que a própria contribui para que o leitor possa compreender e identificar o que está escrito. De acordo com Cagliari (1998, p 12) quem inventou a escrita inventou ao mesmo tempo as regras da alfabetização, ou seja, as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito, entender como o sistema de escrita funciona e saber como usá-lo apropriadamente.

Com a necessidade de comunicação segundo Cagliari (1998, p 15) “a curiosidade, certamente, levava muita gente a aprender a ler para lidar com negócios, comércios e até mesmo para ler obras religiosas ou obter informações culturais da época”. Nesse período da história as crianças aprendiam a ler através dos ensinamentos dos pais ou de alguém que a família contratava para fazer essa tarefa. Diante dessa prática, alfabetizar não era tarefa da escola.

Ao longo dos anos o debate sobre alfabetização tem se tornado cada vez mais frequente, principalmente no que diz respeito a que método é mais eficaz para alfabetizar, o que se pode dizer que é impossível descobrir, pois cada pessoa tem seu tempo e sua maneira de aprender. Cabe ainda

dizer que é o professor que necessita desenvolver métodos e práticas a partir da realidade de cada aluno e/ou turma, visto que cada aluno e/ou turma possui características diferentes.

Tradicionalmente, as formas para alfabetizar inicialmente consistem no método utilizado pelos professores durante a transmissão de conhecimento aos alunos. Entretanto, grande parte desses professores acaba não compreendendo que para muitas crianças há uma grande dificuldade em entender o verdadeiro significado da leitura e escrita.

Com a utilização dos métodos percebemos que, durante o processo de alfabetização as práticas utilizadas são voltadas na maioria das vezes para junção de sílabas simples, decifração e cópia de palavras, ou memorização de sons. Essas práticas acabam tornando a criança apenas um receptor mecânico ou mero espectador passivo, afinal ela acaba não participando do processo de construção de conhecimento.

Durante muito tempo, a discussão acerca do processo de alfabetização delimitou-se apenas aos espaços do setor acadêmico, mas com o tempo percebeu-se que a alfabetização e o letramento deveriam estar associados - o que não acontecia – pois, era preciso compreender leitura e a escrita como práticas sociais complexas, segundo os estudos de Soares (2010), a leitura e escrita devem ser trabalhadas e estudadas junta e não separadamente.

Embora as discussões acerca das dificuldades metodológicas encontradas pelos professores tenham se tornado cada vez mais frequente, nota-se que pouco se tem colaborado com os professores que atuam na fase de alfabetização, fazendo com que os vários professores compreendam erroneamente o processo de alfabetização como sinônimo de uma técnica.

Muitas das vezes os professores acabam levando para sua prática aquilo que vivenciaram enquanto alunos, o que às vezes pode não dar certo, pois com o tempo as práticas vêm sofrendo modificações através de estudos e resultados de pesquisas que visam contribuir com as práticas pedagógicas.

Os resultados das pesquisas realizadas por Ferreiro e Teberosky (2008, p.11), evidenciam que a aprendizagem é fruto de um procedimento de reconstrução cognitiva acerca da interação do sujeito com a escrita, enquanto conhecimento culturalmente contextualizado.

Pretendemos demonstrar que a aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor desse objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitos caminhos. Que, além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõem problemas e trata de solucioná-los, seguindo sua própria metodologia [...] insistiremos sobre o que se segue: trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto a adquirir uma técnica particular. Um sujeito que a psicologia da lecto-escrita esqueceu.

As autoras verificaram ao investigar como a criança aprende a ler escrever, que adquirir a lecto-escrita (Aprendizagem do saber ler e escrever) é uma conquista de caráter conceitual, ou seja, que não se limita ao espaço escolar, no entanto é construída durante anos. Do mesmo modo que os seres humanos construíram as maneiras de representar a escrita ao longo dos anos, o sujeito no decorrer de sua história pessoal conseguiu chegar a escrita num método evolutivo parecido. Os alunos têm suas particularidades e individualidades, o que traz para o educador novos desafios e questionamentos. Por isso, é importante que o professor compreenda que cada aluno/turma tem suas especificidades.

2.1 OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO NA PRÁTICA DOCENTE

No Brasil, a história da alfabetização percorreu um longo e complicado processo, caracterizado por várias e discursivas mudanças, ocasionado pelos conflitos e disputas políticas e educacionais. Um pouco desse processo pode ser visto em História dos Métodos de Alfabetização no Brasil, através das pesquisas de Mortatti (2006), neste trabalho a autora nos mostra durante um longo tempo as discussões acerca da alfabetização esteve pautada nas questões dos métodos e abordagens de ensino.

Tendo como base os estudos de Mortatti (2006), apresentamos aqui um breve relato da história desses métodos, mostrando inicialmente que autora divide este período em quatro momentos importantes. O primeiro momento traz a questão da metodização do ensino da leitura; o segundo momento, refere-se à institucionalização do método analítico; no terceiro, a alfabetização sob medida; e, enfim, o quarto momento, a alfabetização: construtivismo e desmetodização.

O primeiro momento compreende a segunda metade do século XIX, no qual o ensino da leitura e da escrita fazia parte do chamado método sintético. Assim, para o ensino da leitura, “utilizavam-se, nessa época, métodos de marcha sintética (da “parte” para o “todo”): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons, partindo das sílabas)”, Mortatti (2006, p.05).

Assim segundo a autora, para o ensino-aprendizagem da leitura, nesse primeiro momento era imprescindível que as crianças reconhecessem inicialmente as unidades menores da língua, ou seja, as letras, representando fonemas para que só então pudessem estudar e aprender as unidades maiores que eram as palavras, sentenças curtas e textos pequenos. No que diz respeito às práticas da escrita, estas eram restritas de acordo com Mortatti (2006), à ortografia e à caligrafia, onde eram ensinadas por meio de exercícios em forma ditados e/ou cópias.

Foi ainda nesse primeiro momento que surgiram as famosas cartilhas que “baseavam-se nos métodos de marcha sintética (de soletração, fônico e de silabação) e circularam em várias províncias/estados do país e por muitas décadas” Mortatti (2006). Dentre elas a mais conhecida foi criada em 1876 pelo português João de Deus, conhecida como “Cartilha Maternal ou Arte da Leitura”. Através desta cartilha, nasceu um método diferente, chamado “método João de Deus”. De acordo com esse método, o ensino da leitura começava então pelo estudo da palavra para só então, se estudar seu valor fonético por meio das letras.

O segundo momento, refere-se à institucionalização do método analítico, no qual de acordo com a autora Mortatti (2006, p. 07), se espalhou no Brasil, por influência de São Paulo, onde foi aceito inicialmente.

O método analítico, sob forte influência da pedagogia norte-americana, baseava-se em princípios didáticos derivados de uma nova concepção — de caráter biopsicofisiológico — da criança, cuja forma de apreensão do mundo era entendida como sincrética. A despeito das disputas sobre as diferentes formas de processuação do método analítico, o ponto em comum entre seus defensores consistia na necessidade de se adaptar o ensino da leitura a essa nova concepção de criança.

Ao contrário do método sintético, esse método parte do ensino das unidades maiores (o “todo”) para depois ser as unidades menores (as letras). A partir de daí, começaram os conflitos entre os que defendiam o antigo método (sintético), e os que defendiam o novo método (analítico).

O terceiro momento, trata da questão da alfabetização sob medida, onde a leitura e a escrita

permaneceram sendo ensinadas através do método analítico. Porém, por volta de meados 1920, esse método passou a ser questionado por professores (as) que começaram a usar o método sintético e o analítico, instituindo assim o chamado “método misto”, sendo conhecido também como método eclético. Mesmo com a utilização frequente do “método misto”, deve ressaltar que o método sintético ainda era o mais utilizado entre os professores.

De acordo com Mortatti (2006, p 9):

Vai-se, assim, constituindo um ecletismo processual e conceitual em alfabetização, de acordo com o qual a alfabetização (aprendizado da leitura e escrita) envolve obrigatoriamente uma questão de “medida”, e o método de ensino se subordina ao nível de maturidade das crianças em classes homogêneas.

Assim, o terceiro momento se estendeu até o final da década de 1970, onde o foco da didática, do “*como ensinar*”, passou a dar espaço à “maturidade da criança a *quem se ensina*” Mortatti (2006).

Por fim, chegamos ao quarto momento que vem trazendo a questão da alfabetização: construtivismo e desmetodização, onde podemos observar que este momento exhibe uma abordagem completamente diferente das outras anteriormente citadas, pois nesta não há utilização de um método para se alfabetizar. Aqui foi proposta, por volta de 1980, uma desmetodização do ensino, que surgiu partir de estudos realizados por Ferreiro (1981) e alguns colaboradores.

De acordo com a abordagem construtivista, a criança pode apropriar-se da leitura e da escrita de modo “natural”, ou seja, sem que haja o ensino metódico por parte dos professores. De acordo com Ferreiro (1981, p.21-22) “do ponto de vista construtivo, a escrita infantil segue uma linha de evolução surpreendentemente regular, através de diversos meios culturais, de diversas situações educativas e de diversas línguas”. Além do mais, essa abordagem construtivista enxerga a escrita como “sistema de notações e representações” e não apenas como um código, descartando assim o ensino da decodificação.

Foi a partir daí, que os métodos até então considerados tradicionais passou a dar lugar a esta nova abordagem construtivista, por meio dos estudos realizados por Ferreiro (1981) sobre a psicogênese da língua escrita. Ainda neste momento nasceu o “pensamento interacionista em alfabetização”, que depois de alguns conflitos com o construtivismo, terminou sendo conciliado com os métodos de alfabetização Mortatti (2006).

Cabe aqui ressaltar surgiu neste último momento a questão do letramento, que é avaliado por alguns autores como algo intrínseco à alfabetização, já para outros é algo à parte, que está voltado às práticas e aos usos sociais da língua. A discussão sobre esse tema vem sendo trabalhada, especialmente, por Soares (1998), onde a autora nos remete a refletir sobre as discussões acerca do argumento de que “não basta que o indivíduo seja alfabetizado; ele precisa ser letrado para poder exercer plenamente a cidadania”.

Portanto, pode-se analisar que durante a história da alfabetização no Brasil, as discussões sobre essa tema esteve quase sempre ligados aos conflitos originários de cada período dessa história, seja entre os métodos avaliados como “tradicionais”, no qual o principal foco do processo de ensino estava na didática, ou entre os novos métodos (analíticos e “mistos”) e abordagens, como o construtivismo.

2.2 ALFABETIZAÇÃO PERSPECTIVA DA PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA PARA A ESCRITA

As dificuldades na alfabetização são evidentes no cotidiano da escola, mas nós enquanto educadores

ou futuros educadores precisamos refletir um pouco mais acerca dessas dificuldades, buscando sempre renovar e recriar práticas e metodologias que facilitem a aprendizagem de nossos alunos, adaptando a sua realidade.

O professor necessita propiciar ao aluno opções adequadas para que ele consiga superar suas dificuldades. Diante desta situação, muitos professores acabam se perguntando sobre o que pode ser feito, para tanto é preciso ter um olhar voltado à própria maneira de ensinar, buscando verificar possíveis falhas e também seus avanços.

De acordo com Ferreira (2011, p 16),

Os indicadores mais claros das explorações que as crianças realizam para compreender a natureza da escrita são suas produções espontâneas, entendendo como tal as que não são o resultado de uma cópia (imediate ou posterior). Quando uma criança escreve tal como acredita que poderia escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado.

É evidente que durante o processo de alfabetização, cada criança tem sua maneira e seu tempo de aprender a ler e escrever, de acordo com aquilo que ela acredita e interpreta. O educador tem a oportunidade durante esse processo, segundo a autora, de utilizar-se de meios comuns a fim de alfabetizar como, por exemplo; explorar a leitura e a escrita espontaneamente deixando o aluno expressar o que conhece a respeito desse sistema gráfico.

Para tanto, se faz necessário que o professor entenda que o aluno aprende mesmo sem está recebendo alguma orientação da escola, pois ele já traz consigo vivências de mundo e enxergar as experiências acaba facilitando o processo de alfabetização.

Ferreira e Teberosky (2008) desenvolveram uma pesquisa investigava a gênese do processo de apropriação do sistema de escrita alfabético pela criança. Elas partiram do ponto de vista que o alcance do conhecimento baseava-se na atividade do indivíduo em interação com o objeto de conhecimento, demonstrando que a criança, antes mesmo de ir à escola, traz ideias e faz suposições sobre o código escrito, apresentando os estágios linguísticos que percorre até a obtenção da leitura e escrita.

A criança no nível pré-silábico apresenta melhorias conceituais que vão da garatuja, as pseudoletas, ou seja, é nesse nível que a criança, embora não faça distinções, imita a ação de escrever. Neste nível a criança acredita que deveria ou poderia escrever certo conjunto de palavras imitando o ato de escrever.

De acordo com Ferreira e Teberosky (2008), na fase silábica, como a unidade de som que se compreende é a sílaba, a criança idealiza a escrita silábica, ou seja, cada letra vale por uma sílaba. Escreve-se uma letra para cada sílaba: vogais, consoantes, signos, vogais e/ou consoantes. Nessa hipótese a criança apresenta alguns problemas: está convencido de que precisa mais de uma letra para se escrever uma palavra, sendo assim, apresenta dificuldade em escrever palavras em que é preciso repetir letras como, por exemplo, a palavra Banana, que tem um som parecido e com repetição de letras, ou em palavras que contem a construção silábica da mesma forma CV (consoante e vogal) a exemplo das palavras cola e bola. As crianças podem repetir as letras deixando as palavras de maneira que não pode ser lidas como escrever AAAAAA, ao invés de batata ou AO no caso de cola e bola, causando dificuldade em ler a palavra.

O nível silábico-alfabético de acordo com as autoras, a criança deixa de lado a hipótese silábica e encontra a necessidade de fazer uma apreciação que vai além das sílabas. Cada sílaba pode ter, neste nível, mais de uma letra, contudo não se colocam todas (iniciais, finais, letras conhecidas, etc.).

O nível alfabético, por fim, é o final dessa evolução. Neste nível a criança já precisa ter compreendido que cada caractere da escrita corresponde a um valor sonoro menor que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que ela vai escrever. A partir desse momento, mesmo compreendendo o sistema convencional da escrita, surgiram outras dificuldades relacionadas à ortografia, porém não apresentará dificuldades de escrita, no sentido estrito. Mesmo alfabetizada, a criança escreve em algumas vezes da forma como pronuncia a palavra, escreve os sons da fala sem analisar as regras ortográficas da escrita, com o passar do tempo na escola e com as intervenções docentes, a criança compreende que a fala não reflete a escrita e que as regras da ortografia agora irão guiá-las para escrever corretamente.

É importante para o alfabetizador estudar esses níveis de ensino, pois a partir desses estudos é possível podemos ter uma nova visão e interpretar as várias formas de escrita, permitindo-nos assim a parar de julgar o aluno dizendo que ele não aprende ou que tem algum problema.

3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO E SUAS CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO

O debate acerca da alfabetização e do letramento tem se tornado cada vez mais frequente, sendo estes termos palavras chaves para o mundo social, uma vez que o sujeito, através da alfabetização e do letramento começa a participar diretamente do mundo no que diz respeito ao aprendizado de suas funções sociais, ou seja, procurando tornar-se uma pessoa que tem consciência do seu papel na sociedade, que tem domínio do código convencional da leitura e da escrita em suas práticas sociais.

O termo letramento é uma palavra relativamente nova no vocabulário da Educação, foi apenas em meados dos anos 80, segundo Soares (2006, p 24), que o termo começou a “surgir” em discursos de diversos estudiosos da área. A autora explica que o conceito de letramento é que:

“... um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser **analfabeto**, mas ser, de certa forma, **letrado** (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a letramento). Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, **letrado**, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita.”

Assim, pode-se dizer que uma criança que sempre ouve história e tem contato com livros, que possui vários materiais escritos ao seu redor, mesmo que ainda que não esteja alfabetizada pode ser considerada letrada, pois percebe o mundo letrado a sua volta começando assim a perceber que a escrita tem função social. Isso permite que ela passe a viver um contexto repleto de letras e começando a aprender a lidar com elas, e assim passa a dar sentido às palavras.

Algumas pessoas podem achar que os termos alfabetização e letramento possui o mesmo significado, mais é preciso saber diferenciar cada um. De acordo com Soares (2006) a alfabetização diz respeito à “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever”, enquanto o letramento é o “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”.

A partir de tais conceitos, alfabetização e letramento devem ser entendidos pelos professores como dimensões de natureza diferentes que incluem capacidades, conhecimentos, e competências diversificadas, demandando novos formatos de aprendizagem e ensino. Segundo Soares (2006, p. 39: 40):

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

Percebe-se que é preciso que o sujeito para vivenciar de uma maneira integral a cultura escrita e responder às questões do meio social, necessita também letrar-se, uma vez que codificar e decodificar a língua escrita não é o suficiente. O que significa dizer que ele necessita dominar não apenas a leitura e a escrita, ele deve ao mesmo tempo ter a capacidade de lidar com o uso contínuo da leitura e escrita nas mais variadas situações. Por isso, podemos dizer que ser alfabetizado não quer dizer que se é letrado e vice-versa. Soares (2006, p 47) cita ainda que:

...alfabetizar e letrar como duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja: ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado.

Como foi dito anteriormente, alfabetização e letramento são palavras com significados distintos, mas que devem caminhar lado a lado, pois o ideal é que a criança no processo de alfabetização seja alfabetizada e letrada ao mesmo tempo. Letramento está relacionado ao exercício eficaz e competente daquela metodologia da escrita, nas ocasiões em que necessitamos ler e produzir textos.

4 PRÁTICA DOCENTE PARA ALFABETIZAR ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Este tópico tem por objetivo apresentar os dados coletados através das observações das aulas de Língua Portuguesa em uma turma de 2º Ano do Ensino Fundamental, além das observações a entrevista realizada com a professora da turma.

A coleta dessas aulas ocorreu em um período de dois meses nessa turma. Os dados foram coletados no município de Junqueiro/AL. Nosso foco foi identificar como essa professora utiliza os materiais em sala de aula para alfabetizar crianças do 2º ano do Ensino Fundamental. E para isso, entramos em sala como observador participante. Esse instrumento de pesquisa nos permitiu coletar informações sem interferir de forma direta no desenvolvimento das aulas.

A análise das aulas nos permitiu compreender como a leitura vem sendo abordada em sala de aula, assim como identificar as concepções de leitura presente nas práticas pedagógicas dos dois professores observados. A análise da investigação foi organizada a partir da triangulação de dados adotada na metodologia da pesquisa.

Ao analisarmos os dados levantados, procuramos identificar na prática da professora, a presença ou não dos métodos de alfabetização como também do letramento.

Através de entrevista com a professora da turma identificamos que ela é formada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia. Em relação à experiência profissional, podemos considerar que a professora tem bastante experiência. Trabalha a 18 anos exercendo o papel docente, sendo 16 anos trabalhando com o ciclo de alfabetização. Sobre formação continuada a professora afirma que quando ofertado os cursos de formações ela afirma participar. Os cursos são ofertados na maioria das vezes pela secretaria de educação do município, em parceria com os municípios de Teotônio Vilela e Campo Alegre, com o objetivo de envolver e capacitar o professor às novas práticas de ensino e

aprendizagem.

Durante as observações foi possível perceber que a grande maioria da turma já consegue ler e escrever, mas às vezes apresentavam dificuldades em compreender as atividades e também textos, segundo a professora isso acontece porque eles gostarem muito de conversar, atrapalhando assim o desempenho. Desse grupo de alunos apenas quatro ainda estão no processo de aprendizagem da leitura. É clara a indisciplina entre eles, onde a maioria quer resolver os pequenos conflitos na base grito ou com agressões, isso faz com que a professora tenha que mediar constantemente essa situação e a aula acaba sendo atrapalhada.

Grande parte dos alunos pertence à classe média baixa alguns das famílias não possuem renda fixa vivendo da informalidade ou das bolsas dos programas sociais do Governo Federal. Para muitos a escola é o único meio que proporciona um contato com a leitura e escrita. Devido a isto, a escola conta com programas que incentivam a aprendizagem da leitura e escrita para além da aprendizagem, alguns programas visam proporcionar momentos de aprendizagem, lazer e diversão para essas crianças.

4.1 A PRÁTICA DOCENTE E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Nesse tópico iremos descrever as aulas de Língua Portuguesa realizadas pela professora do 2º ano Ensino Fundamental, buscando identificar como a utilização dos recursos em sala de aula contribui ou não para alfabetizar os alunos.

Para desenvolvimento deste tópico, elegemos cinco aulas para analisar como a professora desenvolve suas aulas.

Datas	Desenvolvimento	Recursos
Aula 01	- Trabalho com gênero textual - Texto utilizado: O sapateiro e os anões. (Irmãos Grimm, recontado por Clarissa Pinkola Estés) A brincadeira de cada um. (Jacky) - Leitura compartilhada	Xerox dos textos Livro didático (Ligados.com – Angélica Prado e Cristina Hülle, 2014.)
Aula 02	- Produção de texto sobre o transito - Ditado de frases	Xerox
Aula 03	- Conteúdo: ortografia: az, ez, iz, oz e uz. - Texto utilizado: A barata feliz - Ditado de palavras	Cartaz com o texto Xerox do texto
Aula 04	Trabalho com interpretação de texto Ortografia: as, es, is, os e us. Texto utilizado: O susto Ditado de palavras	Livro didático Xerox
Aula 05	Trabalho com leitura e interpretação de texto e significado das palavras Texto do Livro: Ninguém é Igual a Ninguém.	Xerox Dicionário

	(Regina Otero)	
	Trabalhando em equipe	

Fonte: Observação de aulas de Língua Portuguesa do 2º ano do Ensino Fundamental

Durante as observações percebemos que a professora estabeleceu uma rotina juntos a crianças, inicialmente organizava a turma para fazer a oração do dia, em seguida um momento com música. Como de costume também ela demonstrava a rotina do dia expondo as atividades que seriam realizadas. Feito isso, ela começava a aula.

Na primeira observação compareceram 21 alunos, o trabalho foi realizado através do gênero textual, para seu desenvolvimento a professora apenas verbalizou algumas das características do gênero textual receita, bilhete, contos e poemas. O fator mais importante que seria as diferenças textuais e suas características não foram evidenciadas.

A prática docente através do uso de textos e suas especificidades de acordo com Cantalice (2004) a análise da *estrutura textual* auxilia os alunos a aprenderem a usar as características dos textos, como cenário, problema, meta, ação, resultados, resolução e tema, como um procedimento auxiliar para compreensão e recordação do conteúdo lido. A *representação visual do texto*, por sua vez, auxilia leitores a entenderem, organizarem e lembrarem algumas das muitas palavras lidas quando formam uma imagem mental do conteúdo.

Dando continuidade à aula a professora levou dois textos, sendo um de conto “O sapateiro e os anões” do Livro didático e o outro um de regras tendo como título “Brincadeiras”, este foi trabalhado através de Xerox distribuída pela professora.

O texto do “O sapateiro e os anões” a professora realizou leitura silenciosa e compartilhada, antes de encaminhar essa atividade seria importante a professora realizar o levantamento dos conhecimentos prévio dos alunos, pois nesse momento poderiam demonstrar algum tipo de conhecimento sobre texto. Após a leitura a professora iniciou uma roda conversa levantando as ideias dos textos, em seguida ela encaminha atividade de interpretação do livro didático.

Analisando essa aula, pode-se perceber que a professora optou por trabalhar e explicar o conteúdo inicialmente sem o uso do livro, fazendo uma introdução do conteúdo, sem levar em consideração o que o aluno sabia ou não sobre o conteúdo proposto. Esse levantamento de conhecimentos prévios dos alunos acerca do que vai ser trabalhado é um momento bastante relevante no processo do ensino.

De acordo com Kleiman (2002) os conhecimentos que os alunos podem envolver durante a leitura são: linguístico; textual; mundo. Mediante a interação desses níveis o leitor consegue construir o sentido do texto. Assim, quando um desses níveis não estiver presente, no ato da leitura, a compreensão ficará comprometida. Em momento extra sala de aula a professora admite que não faz uso do livro didático em sua íntegra porque considera sua linguagem limitada.

Seguindo a descrição das aulas observadas, na segunda aula compareceram 20 alunos. Para iniciar a aula a professora explicou aos alunos que iriam produzir um texto sobre o trânsito, então entregou aos alunos uma copia retirada de outro livro didático que não era o da turma (anexo 2), onde na imagem continha sequência das cenas sobre trânsito. Após da atividade realizada os alunos iriam fazer a leitura em voz alta para os demais colegas da turma.

Apenas cinco alunos não quiseram ler o texto, talvez por timidez. Feito isso, a professora fez um ditado de frases, utilizando a própria produção dos alunos, pedindo primeiro que eles escrevessem e depois fez a correção no quadro para mostrar os erros ortográficos.

Durante a leitura do texto foi possível perceber as dificuldades por parte de alguns alunos em escrever e dar sentido ao texto, por isso ela precisaria se utilizar dos conhecimentos linguísticos dos alunos para iniciar a produção textual. Ela poderia ter utilizado placas para identificar os conhecimentos dos alunos e outros materiais que os alunos encontram no dia a dia, trabalhando o que eles já conheciam ou não sobre o trânsito, levando situações do cotidiano para facilitar a aprendizagem. Notou-se ainda que ao corrigir os erros dos alunos as explicações sobre as regras da escrita foram citadas de forma que alunos memorizem a escrita correta das palavras.

A consequência de não se utilizar dos conhecimentos textuais e prévios dos alunos foi perceptível em sala de aula, pois muitos alunos ficaram sem saber o que fazer na hora da produção. O objetivo da aula foi avaliar os erros ortográficos, preocupando-se apenas com o código escrito, não levando em consideração os conhecimentos prévios dos alunos. Segundo Paim (2014), o “domínio do gráfico é apenas parte de um processo mais amplo. Aprender a língua não é apenas aprender estruturas, mas é, sobretudo, aprender formas de pensar o mundo e agir sobre ele”. Ou seja, compreender a língua é muito mais que saber ler e escrever. É saber ser capaz de agir e entender o mundo a sua volta.

A terceira observação contou com a presença de 23 alunos. Os alunos estavam muito dispersos e agitados, o que fez com que a professora tivesse dificuldade para iniciar a aula. Quando eles se acalmaram ela explicou como seria a rotina da aula, onde iriam trabalhar a ortografia de palavras terminadas em: az, ez, iz, oz e uz. Ela falou um pouco do conteúdo e depois escreveu no quadro algumas palavras que são escritas com essa terminação. Nessa aula a professora deixou de explicar que o uso de **z** ou **s** (com som **z**) depende, geralmente, da origem da palavra e para as terminações propostas na atividade ela poderia abordar que no fim das palavras oxítonas (ou agudas) terminadas em **-az**, **-ez** (se o **e** for fechado), **-iz**, **-oz**, **-uz**.

Em seguida, distribui Xerox com o texto “A baratinha feliz” (anexo 3), texto esse que ela também escreveu no cartaz. A professora realizou uma leitura compartilhada e ao fim da leitura perguntou quais palavras os alunos encontraram com as terminações e grifou no cartaz. Depois ela pediu para que eles juntassem em dupla e respondessem a atividade proposta na Xerox. Ao fim da aula ela fez um ditado utilizando as seguintes palavras: cartaz, paz, rapaz, vez, rapidez, nariz, giz, feroz, noz, capuz e avestruz.

Nesta aula, a professora fez uma breve introdução sobre o uso do Z e do S, o que deixou alguns alunos com dificuldades na escrita das palavras no momento do ditado, trocando muitas vezes o Z pelo S, mas a professora corrigia as palavras e explicava apenas o porquê do erro, remetendo-se somente ao fato da troca de letra e não explicava a regra em si. Ao corrigir os erros dos alunos a professora não voltava a explicar as regras da escrita, apenas corrigia o erro cometido por eles.

Dando continuidade as descrições das aulas, a quarta observação teve a presença de 24 alunos. A professora trabalhou durante essa aula interpretação de texto e ortografia utilizando o livro didático para responder as questões. O texto trabalhado encontra-se em anexo e tem como título “O susto” (anexo 4), no qual ela levou xerocado e trazia questões simples de interpretação sobre o texto. Alguns alunos estavam dispersos e quando a professora perguntou sobre de que o texto estava falando eles não sabiam dizer. Em seguida ela pediu para abrir o livro e responder a atividade do livro sobre ortografia, sendo que ela já havia explicado antes utilizando o texto para identificar as palavras que tinha em sua escrita as combinações as, es, is, os e us.

Esta aula foi escolhida porque se notou uma maior facilidade dos alunos em escrever as palavras corretamente na hora do ditado, pois diferentemente da outra aula de ortografia ela, a professora, utilizou um ditado de imagem. Era um ditado xerocado que possuía gravuras o que chamou a atenção dos alunos e facilitou à escrita, pois eles podiam visualizar o objeto que eles tinham que escrever o nome. Nas vezes que os alunos erravam a professora apenas corrigia a palavra, mas não voltava a explicar as regras da escrita. A escrita correta das palavras pareceu ser o único objetivo das aulas. Não utilizou atividades que explorassem a palavra como um todo, como divisão silábica ou contagem

de letras como também a explicação de singular e plural.

Na quinta observação, compareceram 23 alunos. A professora nessa aula dividiu a turma em cinco grupos e distribuiu o livro que seria trabalhado (anexo 5), os deixando fazer uma leitura silenciosa por alguns minutos. Em seguida, fez uma leitura compartilhada pedindo que cada um fosse responsável por ler um trecho do texto. Ao fim ela fez uma leitura em voz alta e deu início a atividade que consistia em pesquisar o significado de algumas palavras do texto. Antes de dar início a atividade a professora explicou que seria uma atividade de pesquisa no dicionário.

Alguns alunos tiveram dificuldades em compreender como fazia a pesquisa e a professora precisou ficar um bom tempo da aula ensinando como fazia. Feito isso, ela distribuiu para cada grupo três dicionários que seria compartilhado entre eles, pois a quantidade disponível era pouca, visto que tinha outra turma trabalhando com dicionários. Ela pediu para que os alunos ajudasse o colega que tivesse dificuldades. Vale citar que os livros também foram compartilhados, pois não havia exemplares para todos. A professora escreveu no quadro as palavras retidas do texto (aparecer, apelido, diferente, rua, gente, vizinho, furioso, magrelo, nervoso, iguais, ruivo, negro e branco) para que eles pesquisassem no dicionário o significado.

Ao fim da aula ela fez como de costume um ditado de palavras e ouviu uma grande reclamação por parte dos alunos, alegando que já estavam “enjoados” de fazer tanto ditado. A professora disse que era importante para eles aprenderem a escrita correta das palavras.

Analisando essa aula, percebeu-se que ao fazer a leitura em grupos os alunos buscavam sempre ajudar o colega quando havia alguma dificuldade na leitura o que foi importante, pois eles estavam interagindo entre si e compartilhando o seus conhecimentos. Ao usar o dicionário, alguns apresentaram dificuldades para pesquisar as palavras e isso tomou um bom tempo da aula. O ditado foi uma atividade que a docente realizou varias vezes. Ao ditar as palavras, ela não explorava a escrita delas, e nem leva os alunos a refletir sobre a escrita delas, apenas passava nas carteiras ou escrevia no quadro as formas corretas das palavras.

No geral, verificou-se que apesar da professora relatar que trabalha as suas aulas buscando sempre levar em consideração o conhecimento do aluno e utilizar com frequência o lúdico, durante as observações essa prática foi pouco visível, pois a professora segue sempre o mesmo padrão de rotina e isso talvez seja o motivo de alguns alunos ficarem a todo tempo disperso.

Quanto ao uso constante de ditado, escrita e soletração das palavras a professora poderia trabalhar com uma proposta lúdica, com jogos silábicos, brincadeira de palavras entre outros, pois poderia consistir em uma maneira divertida e que desperta o interesse do aluno.

Apesar de citar que usa sempre a ludicidade em suas aulas, foi constatado durante as observações que a professora fez uso apenas de atividades xerocadas, e cartazes com os textos. Ela afirma que não usa de um método para alfabetizar, pois tenta sempre levar em conta os conhecimentos que o aluno já traz consigo, mas o que se notou em sua prática de alfabetização foi que ela trabalhava um “método cartilhado sem cartilha”, o que quer dizer que mesmo não ensinando o BA-BE-BI-BO-BU, ela levava os alunos a memorizar letras ou sílabas soltas através da apresentação de textos.

Pode-se dizer que ela fez uso do método sintético, pois começava suas atividades a partir das partes para o todo, abordando o processo silábico. Ao fim de cada aula deixava uns quinze minutos para fazer palavras no quadro, onde os alunos precisavam soletrar e separar as sílabas e uso constante de ditados.

Não houve um diferencial em suas aulas, apenas atividades xerocadas e cartazes, no entanto é válido citar que durante as aulas há uma presença forte da interdisciplinaridade. A professora busca constantemente relacionar o conteúdo com alguma disciplina antes trabalhada. Utiliza sempre textos e faz rodas de conversa com os alunos, onde eles precisam falar, compartilha entre si o que

compreenderam da história. A interpretação de texto é bastante trabalhada nas aulas, segunda a professora o aluno que aprende ler precisa aprender interpretar, pois assim conseguirá se sair bem nas demais disciplinas.

4.2 CONHECIMENTO DOCENTE SOBRE ALFABETIZAÇÃO

Para além das observações, entrevistamos a professora da turma com o objetivo de identificar quais os seus conhecimentos acerca da alfabetização. Ao falar sobre os conhecimentos que as crianças já trazem consigo ao ingressar na escola, a professora relata que “toda a criança chega à escola sabendo de algo e é preciso levar isso em consideração durante o processo de alfabetização, pois é muito importante enxergar aquilo que a criança traz consigo de casa”.

Segundo a professora “ao alfabetizar não estamos só ensinando, aprendemos constantemente com as crianças. É um mundo de novidades e descobertas, onde a recompensa chega ao fim do ano quando vê que a maioria conseguiu aprender ler e escrever”.

Durante a realização da entrevista, a professora relatou que utilizava sempre o lúdico em suas aulas, fazendo uso de jogos, de atividades fora da sala de aula, de brincadeiras envolvendo ortografia das palavras e outros. No entanto, durante as observações não foi possível identificar a presença da ludicidade, pois a escrita foi bastante valorizada.

A professora relatou que as dificuldades encontradas por ela em sua prática, dão-se ao fato da falta de recursos disponíveis na escola, recursos esses que quando disponíveis, segundo ela são limitados. Ao perguntarmos a professora o que alfabetizar ela relata que: “alfabetizar tem se tornado cada vez mais difícil, pois não se está cumprindo as exigências e apropriação das habilidades precisas para cada ano. O aluno sai do primeiro ano sem muito conhecimento e isso dificulta porque não conhecem a base alfabética, assim o professor do 2º ano precisa começar do zero atrasando tanto o processo de aprendizagem como também os conteúdos”.

Para o ensino da leitura e escrita é necessário que o professor trabalhe com diferentes gêneros e palavras. Segundo Cagliari (2009) “Não basta saber escrever para escrever. É preciso ter uma motivação para isso”. Logo, faz-se necessário que a alfabetização seja pensada somente em função de uma cultura avaliada como sendo a melhor e ideal para todos, e sim de acordo com as verdadeiras necessidades e pretensões de cada um. Assim, ler e escrever são muito mais que textos formais, é algo que devemos sentir prazer e gostar de fazer, é ler e escrever aquilo que gostamos e não algo que nos é imposto.

Questionamos sobre a elaboração dos planos de aula a professora afirma que são realizados semanalmente e em conjunto com os outros professores do mesmo ano, ou seja, assim todos realizam planos de aula e atividades semelhantes para turmas diferentes.

De acordo com a professora, fazer um plano em conjunto é importante, pois permite compartilhar ideais entre si, mas ela sempre precisa adaptar as aulas de acordo com a realidade de sua turma, afinal são turmas distintas e cada uma tem suas particularidades.

A utilização e a leitura de textos dos mais variados gêneros (receitas, poemas, literatura infantil, músicas, parlendas, etc.) é algo bastante presente nas aulas. A professora sempre iniciava o texto e depois pedia para que algum aluno continuasse, sempre ajudava quando algum não conseguia, ou fazia a leitura passando de carteira e carteira.

Para os alunos não acostumados com a participação em atos de leitura, que não conhecem o calor que possui, é fundamental ver seu professor envolvido com a leitura e com o que conquista dela. Ver alguém seduzido pelo que faz

pode despertar o desejo de fazer também. (PCN 1998, p. 58).

Em algumas vezes a professora organizava pequenos grupos para realiza a leitura, isso permitia que os alunos se ajudassem entre si, cooperando e contribuindo coma a aprendizagem um do outro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho vimos que a alfabetização passou por diversos momentos e tem sido cada vez tema de estudo de diversos teóricos, como Mortatti (2006), Cagliari (1998, 2009), Ferreiro (2008, 2011), Soares (2003, 2006) entre outros citados no decorrer do texto. Assim podemos dizer que a forma de alfabetizar muda constantemente, pois a nossa língua também muda com frequência.

Analisando as práticas pedagógicas e as informações transmitidas pela professora, foi possível perceber que a realidade das aulas não é a descrita por ela, uma vez que a mesma afirma utilizar o lúdico em sala de aula com frequência, mas não foi o que se observou. Embora o lúdico não seja tão presente, na maioria das aulas a professora conseguiu seu objetivo mesmo com algumas dificuldades.

O que se observou ainda foi à resistência de alguns alunos em fazer constantemente as mesmas atividades, como o ditado por exemplo. Era visível o aborrecimento na hora dessa atividade, mas é uma atividade que a professora não abria mão. Ainda havia alguns alunos que não sabiam ler e nem estavam aparentemente interessados, talvez o interesse surgisse se a professora repensasse sua pratica e utilizasse do lúdico para alfabetizar esses alunos.

São muitos os desafios que ainda precisam ser superadas no âmbito educacional, principalmente no que diz respeito ao processo de alfabetização, mas cabe ao professor buscar alternativas que facilitem e/ou torne esse processo prazeroso, não em algo chato, rotineiro e cansativo. É preciso buscar novas propostas, metodologias e recursos, afinal não é só a alfabetização que vive em constante mudança, o mundo muda e nossos alunos também e conseqüentemente e nossas praticas devem mudar para alcançarmos então nossos objetivos.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CANTALICE, Lucicleide Maria de. **Ensino de estratégias de leitura**. Psicologia Escolar e Educacional. Campinas – SP, 2004. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S1413-85572004000100014. Acesso em: 29 de abril de 2018.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 26 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

KLEIMAN, A. **Texto e Leitor**: Aspectos Cognitivos da Leitura - 8ª Ed. – Campinas, SP: Pontes, 2002.

MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 2001.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. Brasília, 2006. Disponível em

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf . Acesso em: 08 de setembro de 2016.

OTERO, Regina & RENNÓ, Regina. **Ninguém é Igual a Ninguém**. São Paulo: Editora do Brasil, 2000.

PAIM, Marilane Maria Wolff. **Alfabetização e letramento**: um estudo sobre as concepções que permeiam as práticas pedagógicas dos professores alfabetizadores.

PRADO, Angelica; HULLE, Cristina. **Ligados.com**: letramento e alfabetização. 2º ano: ensino fundamental: anos iniciais. São Paulo: Editora Saraiva, 2014.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: **As Muitas Facetas**. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de alfabetização, Leitura e Escrita, Revista Brasileira de Educação, outubro de 2003.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá-bé-bi-bó-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CANTALICE, Lucicleide Maria de. **Ensino de estratégias de leitura**. Psicologia Escolar e Educacional. Campinas – SP, 2004. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S1413-85572004000100014. Acesso em: 29 de abril de 2018.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 26 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 2008.

KLEIMAN, A. **Texto e Leitor**: Aspectos Cognitivos da Leitura - 8ª Ed. – Campinas, SP: Pontes, 2002.

MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Língua Portuguesa. Brasília, 2001.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. Brasília, 2006. Disponível em http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf . Acesso em: 08 de setembro de 2016.

OTERO, Regina & RENNÓ, Regina. **Ninguém é Igual a Ninguém**. São Paulo: Editora do Brasil, 2000.

PAIM, Marilane Maria Wolff. **Alfabetização e letramento**: um estudo sobre as concepções que permeiam as práticas pedagógicas dos professores alfabetizadores.

PRADO, Angelica; HULLE, Cristina. **Ligados.com**: letramento e alfabetização. 2º ano: ensino fundamental: anos iniciais. São Paulo: Editora Saraiva, 2014.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOARES, Magda. Letramento e Alfabetização: **As Muitas Facetas**. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de alfabetização, Leitura e Escrita, Revista Brasileira de Educação, outubro de 2003.